HORIZONTE
ISSN 2175-5841
PUC Minas
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

Resenha

DOI – *10.5752/P.2175-5841.2017v15n46p660*

SILVA, Eliane Moura; RENDERS, Helmut; CAMPOS, Leonildo Silveira (Org.). **O estudo das religiões**: entre a história, a cultura e a comunicação. São Bernardo do Campo: Ed. da Universidade Metodista de São Paulo, 2014. 255p. ISBN 978-85-7814-297-1.

Anderson Luciano Cruz *

A obra traz importante contribuição para os estudos sobre as religiões, relacionando o campo religioso, de forma interdisciplinar, com as dimensões histórica, cultural e comunicacional, áreas nas quais se destacam as pesquisas de seus organizadores, Eliane Moura Silva, Helmut Renders e Leonildo Silveira Campos.

O estudo das religiões: entre a história, a cultura e a comunicação reúne textos que tratam das religiões como campos de significação, cujos autores buscam explicitar os motivos que os levam ao estudo dos respectivos temas, a importância dessas pesquisas e as metodologias utilizadas nas investigações. O resultado é um conjunto de ensaios, divididos em três partes, que evidenciam a amplitude dos temas relacionados à religião, bem como as especificidades de cada um.

Resenha submetida em 22 de fevereiro de 2017 e aprovada em 07 de abril de 2017.

* Mestrando em Ciências da Religião pela PUC Minas. País de Origem: Brasil. E-mail: andersonluciano713@hotmail.com.

Na *Apresentação*, a autora Eliane Moura Silva introduz o leitor no campo dos estudos sobre as religiões, enfatizando a importância da contextualização desses estudos, visto que "as religiões não existem nem são estudadas no vazio" (p.7). Silva destaca as várias abordagens metodológicas possíveis da área - como a história da religião, sociologia da religião, antropologia da religião, psicologia da religião, economia da religião, religião comparada, entre outras -, bem como seus mais importantes autores. Partindo do surgimento do termo "Ciência da religião", no século XIX, a autora aponta ainda os aportes oriundos dos estudos comparados das religiões e sintetiza as contribuições de duas relevantes escolas: fenomenológica e histórica.

A primeira parte do livro, intitulada *Cultura e religião*, divide-se em três capítulos, dedicados a discutir conceitos e práticas relevantes na investigação das religiões. No primeiro capítulo, *O fanatismo religioso: representações, conceitos e práticas contemporâneas* (p. 21-37), Eliane Moura Silva trata da polêmica conceitual em torno de termos como "fanatismo" e "fundamentalismo", que "nasceram de confrontos que construíram nosso mundo contemporâneo e devem ser analisados com prudência" (p. 27). Trata-se de conceitos histórica e filosoficamente determinados, cujo emprego no âmbito das religiões e culturas requer reflexão crítica. Dito de outro modo, Silva defende que conceitos como "fanatismo", "extremismo", "radicalismo", "ultra-ortodoxia" e "fundamentalismo", ao serem aplicados aos movimentos religiosos contemporâneos, sejam usados com fidelidade e intepretação adequadas. Como exemplo, a autora cita o uso midiático de termos como "fanatismo" e "fanáticos", largamente embasados no senso comum, o que culmina na percepção errônea de que os "fanáticos" são os "outros".

No segundo capítulo, sob o título *Fundamentalismos, integrismos y conservadurismos político-religiosos* (p. 39-65), Julio H. de Santa Ana aborda os fundamentalismos no plural, explicitando a complexidade do tema. O autor afirma que uma correta compreensão sobre os atuais fundamentalismos demanda uma apreensão acertada do que é considerado moderno nas sociedades atuais, visto que

esses fundamentalismos "intentan reaccionar contra ciertas tendencias modernas que amenazan elementos fundamentales de diferentes religiones (p. 40). Santa Ana enumera e analisa elementos inerentes à cultura moderna, bem como características comuns dos fundamentalismos. Além disso, o autor busca as raízes do fundamentalismo, que no caso das religiões do Livro, por exemplo, situam-se numa interpretação literal das Escrituras. Em um pequeno e relevante excurso, Santa Ana ainda reflete teologicamente sobre os fundamentalismos, orientado pela pergunta ¿Estamos hablando del mismo Dios?

O capítulo seguinte, assinado por Ediléia Mota Diniz, com o título *O sistema de dominação do clã Taniguchi na Igreja Seicho-No-Ie* (p. 67-97), versa sobre a relação entre a cultura japonesa tradicional e as religiões surgidas no início do século XX, de modo especial a Seicho-No-Ie, fundada por Masaharu Taniguchi, em 1930. A autora analisa a figura de Taniguchi como líder profético e carismático, segundo a concepção weberiana, cuja família serve de modelo ideal para a estrutura organizacional da Seicho-No-Ie. Diniz aborda ainda o poder simbólico, concebido por Bourdieu, como capital familiar do clã Taniguchi.

A segunda parte do livro traz o título *Comunicação e religião* e apresenta capítulos nos quais são discutidos diferentes processos de comunicação religiosa com adaptações culturais e históricas específicas. É o caso do quarto capítulo, de autoria de Stewart M. Hoover, *Dimensões emergentes do "religioso" na cultura midiática p.* (101-119). A concepção da religião como um tipo de cultura ou como dimensão da cultura, permeia a discussão do autor acerca das relações entre religião e mídia, dois campos sociais similarmente complexos. Consoante o autor, tendo em vista a centralidade dos meios de comunicação na sociedade atual, apreender a relação entre mídia e religião de forma "instrumentalizada", ou seja, considerando apenas o efeito de uma sobre a outra, é inadequado, haja vista que "ao se falar sobre mídia, religião e cultura, estamos nos referindo a coisas que tem mais elementos em comum do que o contrário" (p. 106). Assim, Hoover avança para além da função técnica das formas comunicação, centrando sua discussão nos

símbolos e significados presentes na interação entre religião e mídia.

Em *Mídia, religião e mercado: o processo contemporâneo de reapropriação e ressignificação de signos do Antigo Testamento pelos evangélicos brasileiros* (p. 121-142), Magali do Nascimento Cunha aborda o crescimento, a partir da década de 1990, do uso de signos (expressões, imagens e símbolos) do Antigo Testamento pelas igrejas evangélicas brasileiras. A autora discute o uso na chamada cultura gospel dos signos baseados na teofania das tradições monárquicas de Jerusalém e que refletem "uma teologia da realeza, do poder, do domínio, da guerra, da seleção, da hierarquia, que pode ser partilhada na terra" (p. 122). Para Cunha, o contexto sociopolítico e socioeconômico estabelecido a partir do final da década de 1980, com a preponderância do individualismo e da competição social, tornaram possíveis elaborações teológicas que consideram o sucesso material como sinal de bênção divina e o insucesso como falta de dedicação do fiel a Deus e indício de que esse "crente" se encontra em guerra espiritual e precisa "destruir o inimigo" ou "o mal" (p. 134).

No excerto *O caminho estreito da "salvação" e o caminho largo da "perdição": observações sobre uma iconografia protestante do século 19* (p. 143-181), Leonildo Silveira Campos traça a história e analisa os detalhes da gravura "Os dois caminhos", que ilustra o discurso de Jesus sobre o caminho largo, da perdição, e o caminho estreito, da salvação. O autor afirma que a história dessa iconografia inicia-se em meados do século XIX, nos círculos pietistas alemães e, ao longo dos anos, passa por inúmeros processos de adaptação a outros contextos culturais, inclusive no Brasil. Trata-se de uma interessante investigação sobre a trajetória de uma das raras iconografias em movimento no âmbito protestante.

No capítulo seguinte, assinado por Helmut Renders, *A religio pectorum "evangélica" e a religião "cordial" brasileira: articulação de cidadania ou sinal de adaptação à matriz cultural dominante* (p. 183-221), a análise gira em torno da chamada *religio cordis* no Brasil. Para o autor, a "religião do coração" é um

fenômeno complexo, cuja origem está na Europa Ocidental e que apresenta "características católicas e protestantes distintas e, em geral, relacionadas com movimentos de reforma ou avivamento" (p. 187). Nesse sentido, há uma *religio cordis brasiliensis* católica e protestante, segundo o autor. No primeiro caso, encontram-se representações em gravuras e imagens de santos e no segundo, até mesmo nos logotipos de igrejas neopentecostais, casos largamente analisados por Renders.

Na terceira parte do livro, *Cultura e religião do antigo Israel*, há investigações relacionadas às distintas narrativas bíblicas. O capítulo *A Torá como reação à transformação da sociedade israelita a partir do século oitavo a.C.* (p. 225-243), de autoria de Rainer Kessler, a partir da história do surgimento do grupo étnico Israel, traz concepções sobre a relação entre os aspectos sociais e a formação da Torá, em meio a um contexto de crise, no século oitavo. O autor trata sobre a elaboração do Livro da Aliança como conjunto de leis sociais e, por conseguinte profanas, mas religiosamente emolduradas.

O último capítulo do livro, *É possível estudar a religião popular judaica com base na literatura bíblica?*, assinado por Ágabo Borges de Sousa, discute a chamada "religião popular" no contexto do antigo Israel. O autor versa sobre a complexa mitologia então posta e o conjunto de divindades e práticas cúlticas existentes, ilustradas pelos textos bíblicos sobre a relação entre Jahwe e Baal e pelos relatos dos profetas, a exemplo de Jeremias. Conforme Sousa, em meio aos problemas sociais da época, o politeísmo apresentava-se como um aspecto desestabilizador, visto que desigualava os indivíduos. Diante disso, os profetas passam à defesa do monoteísmo prático, objetivando igualar a todos num mesmo nível diante de Jahwe.

O livro *O estudo das religiões: entre a história, a cultura e a comunicação* apresenta ao leitor um valioso conjunto de textos que ilustram a amplitude do campo de estudos das religiões. Além de introduzir o leitor nas bases epistemológicas sobre as quais se erigiram as Ciências da Religião, explicita o quão frutíferas são investigações na área capazes de relacionar o campo religioso e as demais dimensões sociais, de forma interdisciplinar. Sobretudo no contexto multiculturalista atual, a relevância do campo religioso torna-se evidente à medida que suas interações com outros fenômenos sociais são desveladas.